

LINGUAGEM E DISCURSO EM SALA DE AULA EM UM AMBIENTE DE LUTA PELA TERRA: A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE SEM-TERRINHA

Jaqueline Cerezoli¹

Eliane Cardoso Brenneisen²

CEREZOLI, J.; BRENNEISEN, E. Linguagem e discurso em sala de aula em um ambiente de luta pela terra: a formação da identidade sem-terrinhã. **EDUCERE** - Revista da Educação, Umarama, v. 12, n. 1, p. 37-58, jan./jun. 2012.

RESUMO: Este trabalho pretende verificar como se desenvolvem as aulas em uma Escola Itinerante vinculada ao Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST), a 30 quilômetros de Cascavel-PR. A escolha de tal instituição escolar se deu em virtude da abordagem educacional que o MST tem mantido em suas escolas, que consiste em privilegiar temas ligados aos cuidados com o meio ambiente, tais como a agroecologia, além de ter atribuído acentuada importância à formação de jovens e crianças como militantes do Movimento. Assim, buscou-se desvendar, por meio da linguagem, aspectos ligados à formação das identidades dos alunos da quarta-série dessa escola e de que maneira a formação militante contribui para a construção das identidades de Sem-Terrinha. A fundamentação teórica deste trabalho se baseia principalmente nos autores da Análise de Discurso Crítica, que discutem as questões relacionadas à construção das identidades, principalmente Moita Lopes, que traz para a sala de aula a aplicação de tais conceitos. Na realização da pesquisa de campo foi utilizada uma abordagem de cunho etnográfico, na qual o pesquisador, imerso no ambiente a ser estudado, observa as cenas cotidianas da sala de aula e as relações que estabelecem os sujeitos dessa totalidade. Para tanto, foram feitas gravações das aulas bem como entrevistas tanto com as crianças quanto com o educador que atuava naquela turma. Desta forma, o que contemplou no âmbito do trabalho seria especialmente como se dão

¹Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Professora de Língua Portuguesa da Universidade Paranaense - UNIPAR.

²Pós Doutora em Sociologia pela Universidade de Coimbra. Professor do Programa de Pós-graduação, Nível de Mestrado Interdisciplinar da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE

as relações entre os sujeitos do discurso na sala de aula, e de que forma atuam uns sobre os outros na construção de suas identidades.

PALAVRAS-CHAVE: Educação, Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST), análise de discurso crítica.

SPEECH AND LANGUAGE IN THE CLASSROOM IN A FIGHT FOR THE LAND ENVIRONMENT: THE SEM-TERRINHA IDENTITY FORMATION

ABSTRACT: This issue intended to verify the development of the classes in a Itinerant School connected with the Movement of Landless Workers (MLW), placed thirty quilometers from Cascavel city. The choice of this scholar institution happened because the educational approach applied for Movement of Landless Workers in their schools, which consists in privilege themes connected to ecology as the Agro environment; beyond that, they have input their attention to the young and child formation as militants of the Movement of Landless Workers. In this way, this search intends to disclose, through the language, aspects linked to the identity build of the 4^a grade of this school and, how the militant formation of this students contribute to the Sem-Terrinha identity built. The theoretical basis of this work is mainly based on the authors of Critical Discourse Analysis, that discuss issues related to identity construction, especially Moita Lopes, who brings to the classroom application of such concepts. In the research field has been used an ethnographic approach, in which the researcher, immersed in the environment to be studied, observing the daily scenes of the classroom and the relationships they establish that all the subjects. Therefore, it was made recordings of lessons and interviews with both children and with the educator who served in that class. Thus, what looked under the work would take place especially as the relations between subjects of discourse in the classroom, and how they act on each other in building their identities.

KEYWORDS: Education, Movement of Landless Workers, Critic Discourse Analysis.

LENGUAJE Y DISCURSO EN EL AULA EN UN AMBIENTE DE LUCHA POR LA TIERRA: FORMACIÓN DE LA IDENTIDAD DE LOS SIN TIERRA

RESUMEN: Este estudio pretende verificar cómo se desarrollan las clases en una Escuela Itinerante vinculada al Movimiento de Trabajadores Sin Tierra (MST), ubicada a 30 kilómetros de la ciudad de Cascavel-PR. La elección de dicha institución escolar se dio en virtud del abordaje educacional que el MST ha mantenido en sus escuelas, que consiste en privilegiar temas relacionados a los cuidados con el medio ambiente, tales como la agroecología, además de haber atribuido acentuada importancia a la formación de jóvenes y niños como militantes del Movimiento. Así, se buscó descubrir por medio del lenguaje, aspectos relacionados a la formación de las identidades de los alumnos del cuarto grado de esa escuela y de qué forma la formación militante contribuye para la construcción de las identidades de los Sin Tierra. La fundamentación teórica de este estudio se basa principalmente en los autores del Análisis de Discurso Crítica, que discuten las cuestiones relacionadas a la construcción de las identidades, principalmente Moita Lopes, que trae para el aula la aplicación de tales conceptos. En la realización de la investigación de campo se ha utilizado un enfoque etnográfico, en el cual el investigador, inmerso en el ambiente a ser estudiado, observa las escenas cotidianas en el aula y las relaciones que establecen los sujetos de esa totalidad. Por lo tanto, se han hecho grabaciones de clases, así como entrevistas con niños y educadores que actuaban en aquella pandilla. De esta manera, lo que se ha contemplado en el ámbito del estudio, fue especialmente como se dan las relaciones entre los sujetos del discurso en el aula, y cómo interactúan entre sí en la construcción de sus identidades.

PALABRAS CLAVE: Educación, Movimiento de Trabajadores Sin Tierra (MST), Análisis de discurso crítica.

INTRODUÇÃO

As identidades dos homens são construídas por intermédio das relações sociais as quais os sujeitos estão expostos. Ao se relacionarem, no processo de interação, os sujeitos vão se formando e formando os outros seus pares, e esta formação das identidades acontece no discurso. Busca-se verificar, no âmbito deste trabalho, como se dão as relações de poder dentro e fora da sala de aula com o objetivo de compreender de que maneira se constroem as identidades das crianças moradoras de um acampamento vinculado ao Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST) e alunos da

quarta série de uma Escola Itinerante deste mesmo local. Buscou-se verificar que tipos de sujeitos têm sido formados.

As questões relacionadas à identidade chamam a atenção dos estudiosos contemporâneos, tanto da sociologia, antropologia, psicologia e também pelos estudos da linguagem, pois, nos dias atuais, as identidades parecem estar cada vez mais fragmentadas, e o sujeito moderno já não consegue afirmar com precisão quem ele é, o que gera uma busca incessante por grupos unidos pela identidade. Assim, o MST, como Movimento social, recruta os militantes para seus quadros, e por intermédio da reforma agrária e da luta pela terra tem conseguido unir os “pobres do campo” na luta por uma vida mais digna, pelo direito de viver da terra onde moram, e não só na luta pela terra, mas na luta pela vida³.

Igualmente, a maneira que o Movimento tem encontrado para manter a coesão de um grupo que já é grande e vem se expandindo cada vez mais, é fazer com que os interesses individuais de seus membros sirvam para os objetivos maiores do grupo, seria criar e manter, entre seus membros, um forte sentimento de identidade e, para tanto, reforçam de forma muitas vezes impositiva a ideologia do Movimento.

A metodologia empregada na atual pesquisa foi a de cunho etnográfico e fundamenta-se nos trabalhos de Erickson (2001), partindo da premissa de que, mesmo possuindo várias similaridades, surgem diferenças tênues entre uma sala de aula e outra, tanto na maneira como se posicionam e interagem os participantes, quanto nas relações destes com os materiais educacionais. Já a metodologia da observação das aulas, conforme especifica Marli André (2004 p. 26), foi a observação participante, que segundo a autora “parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo afetado por ela”. Realizaram-se também entrevistas com os alunos e uma com o educador.

A Escola Itinerante pesquisada é dirigida pelo Movimento em parceria com o Governo do Estado do Paraná e a educação voltada para o Movimento, nesta escola, acontece principalmente de 1^a a 4^a série, já que são essas turmas as de responsabilidade plena do acampamento. Segundo relato dos educadores pesquisados, aquela escola funciona como uma extensão de outra escola localizada em um município próximo ao acampamento, e recebe os recursos do governo como sendo conjunta com esta escola.

³Referência ao título do trabalho de Brenneisen (2004) Da luta pela terra à luta pela vida.

Destarte, o objetivo geral deste trabalho é verificar como se constroem as identidades das crianças Sem-Terrinha, em um ambiente de acampamento, tendo a escola como o principal espaço de interação onde se desenvolvem essas identidades. E ainda observar de que maneira os sujeitos da pesquisa se posicionam no discurso, e quais as relações de poder que ocorrem neste espaço. Verificar também que tipos de identidades têm sido formados e quais as conseqüências isso tem ocasionado.

Desta feita, busca-se a fundamentação teórica acerca dos estudos sobre a identidade e seu papel no discurso. Com amparo na Análise de Discurso Crítica, tangenciado principalmente na linha de pensamento do autor Norman Fairclough e, ainda, Mikhail Bakhtin e Michel Foucault, busca-se apresentar o papel do discurso como construção de identidades e apontar também de que maneira o poder é exercido por meio do discurso. Também está presente uma discussão sobre o discurso em sala de aula baseado nos estudos de Moita Lopes. Essa releitura objetiva criar fundamentação teórica para as análises posteriores, para que, ao verificar as aulas assistidas, seja possível desvendar de que maneira o discurso do MST tem influído na construção da identidade Sem-Terrinha.

IDENTIDADES

O conceito de identidade é relativamente novo na história da humanidade. Surge no Iluminismo e vai tomando espaço na medida em que as discussões sobre individualidade também surgem. Este debate está em voga devido, principalmente, às mudanças que as “velhas identidades” que por tanto tempo eram consideradas estáveis, agora estão em decadência, dando lugar a novas identidades, que tornam o indivíduo moderno fragmentado. Com isso, conforme aponta Stuart Hall (2006, p.7) a sociedade moderna apresenta abalos dos “quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social”. Formular questões em torno deste assunto, segundo o autor, é pressupor que existe uma crise de identidade no mundo moderno. Isso acontece porque as mudanças e as transformações da sociedade fragmentam as “paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade”. Esses conceitos, que no passado pareciam sólidos e eternos, estão agora abalados. E essa “confusão” na qual se encontra o sujeito moderno, faz com que busque em seus

pares a pertença a um determinado grupo identitário. Ou seja, não saber exatamente quem se é, faz com que o indivíduo busque ter muitas outras faces, o sujeito moderno se reinventa, criando novos grupos de pertença, novas identidades. Bauman (2005) considera ainda que a identidade perdeu as âncoras sociais que faziam-na parecer natural, o que caracteriza os indivíduos da atualidade é a eterna busca por um “nós”. As identidades herdadas como raça, gênero, local de nascimento ou classe social agora já não tem tanta importância.

Para Zygmunt Bauman (2005, p. 22) “a identidade só nos é revelada como algo a ser inventado, uma coisa que ainda precisa se construir a partir do zero”. Acrescenta ainda que “a fragilidade e condição eternamente provisória da identidade não podem mais ser ocultadas”. Com isso, o autor afirma que, na sociedade atual, a identidade dos indivíduos não é algo estático, mas se constrói no decorrer da vida do sujeito. No entanto, quando se fala de um sujeito moderno, construído na interação eu - sociedade, é preciso ressaltar que existem algumas características inerentes ao sujeito, ou seja, há de se considerar que algumas peculiaridades são constitutivas e inatas do indivíduo, e, portanto, ao entrar em contato com a sociedade, esse irá se formar e transformar de maneira diferenciada de seus pares. Pois, como assinala Giddens (2002) na modernidade tardia surgem novos mecanismos de autoidentidades que não só são constituídos pelas instituições modernas, mas também as constituem. Aponta que o eu não é uma entidade passiva, mas que os indivíduos agem ativamente na formação das identidades. Ora, no âmbito da presente pesquisa foi possível observar o seguinte: mesmo que todas as crianças pertencentes ao grupo recebam uma formação militante, ou seja, aprendam desde cedo como ser um Sem-Terra, e mesmo que o ambiente colabore para que todas as escolhas que essas crianças façam, estejam voltadas para o Movimento, algumas delas certamente não permanecerão, outras se engajarão de forma mais acirrada, outras continuarão o legado de seus pais e assim por diante.

Nesse sentido, entende-se que a formação das identidades é sim influenciada pelos aspectos externos, e que a comunidade influencia de forma cabal na formação dos indivíduos. No entanto, sempre existirá algo de individual nas escolhas dos sujeitos. Essa abordagem é certamente parte do que pensam os que se denominam socioconstrucionistas, na qual não só o que é inato ao homem determina sua formação, mas o conjunto, do eu

(o que é inato) mais a sociedade é o que irá construir, ao longo da vida do sujeito, sua formação identitária.

Toda e qualquer identidade vem acompanhada de significados culturais, e esses, por sua vez se posicionam ou são posicionados de diferentes maneiras no discurso, e claro, diante do discurso dominante, muitos desses significados são motivos de exclusão. Woodward (2000, p.33) assinala que “toda prática social é simbolicamente marcada. As identidades são diversas e cambiantes, tanto nos contextos sociais nos quais elas são vividas, quanto nos sistemas simbólicos por meio das quais damos sentidos a nossas próprias posições”. Isso pode ser ilustrado pelo surgimento dos movimentos sociais que concentram sua luta em torno da identidade.

O caso do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra, no Brasil, juntamente com outros grupos seus pares, como a Via Campesina, baseiam suas premissas na volta às tradições, fazendo o movimento contrário à globalização. Na modernidade tardia todos caminham para uma fragmentação do sujeito cada vez maior. O MST, no entanto, em busca do fortalecimento da identidade Sem-Terra aponta para a homogeneização dos sujeitos, o que não quer dizer que os sujeitos pertencentes a tais grupos sejam unos, ou que a tentativa da volta às tradições seja acertada.

A ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA

Para as posteriores análises este trabalho tem bases na Análise de Discurso Crítica, mais especificamente em uma revisão da obra de Norman Fairclough e também em outros autores. “A Análise de Discurso Crítica, (doravante ADC), é uma abordagem teórico-metodológica para o estudo da linguagem nas sociedades contemporâneas”. Para Resende e Ramalho (2006, p. 11) Essa linha “se baseia em uma percepção da linguagem como parte irreduzível da vida social, dialeticamente interconectada a outros elementos sociais”. Segundo essas autoras, a proposta da ADC possui amplo escopo de aplicação, sendo um modelo teórico metodológico “aberto ao tratamento de diversas práticas na vida social, capaz de mapear relações entre os recursos linguísticos utilizados pelos atores sociais e grupos de atores sociais e aspectos da rede de práticas em que a interação discursiva se insere”. O objetivo central da ADC, segundo Fairclough (1989), seria o de contribuir não só para a conscientização sobre os efeitos sociais dos

textos, como também para as mudanças sociais que sobrepujem as relações assimétricas de poder, parcialmente sustentadas pelo discurso. Nas palavras do autor:

A ideologia é mais efetiva quando sua ação é menos visível. Se alguém se torna consciente de que um determinado aspecto do senso comum sustenta desigualdades de poder em detrimento de si próprio, aquele aspecto deixa de ser senso comum e pode perder a potencialidade de sustentar desigualdades de poder, isto é, de funcionar ideologicamente (FAIRCLOUGH, 1989, p. 85).

Para Fairclough (1992), a abordagem crítica implicaria mostrar conexões e causas que estão ocultas e também, intervir socialmente para produzir mudanças que favoreçam àqueles que possam se encontrar em situações de desvantagem.

Com bases no pensamento de Bakhtin e Foucault é possível tocar a esfera da linguagem e poder e suas influências sobre a ADC. E é nesse sentido que essa abordagem contribui para o presente trabalho. Bakhtin (2002, p. 123) pode ser considerado como um dos primeiros fundadores de uma teoria semiótica de ideologia, da noção de dialogismo na linguagem e precursor da crítica ao objetivismo abstrato de Saussure. Este autor sustenta que a substância da língua não está no interior dos sistemas linguísticos, “mas no processo social da interação verbal”. Essa teoria entende a enunciação como sendo a realidade da linguagem e também como estrutura socioideológica, pois prioriza tanto a atividade da linguagem quanto a relação com os usuários da língua. Bakhtin (2002, p.94), entende o meio social como “centro organizador da atividade linguística, refutando a identidade do signo como mero sinal e desvincilhado do ambiente histórico”. Segundo a teoria deste autor, portanto, a língua em si só existe na interação, ou seja, no momento da interação entre os falantes que a língua faz sentido.

Em *Estética da Criação Verbal*, Bakhtin (2000, p. 285) sustenta que a variedade interminável de produções da linguagem na interação social não compõe um “todo caótico”, pois toda esfera de aplicação da língua, de acordo com suas funções e condições específicas, elabora gêneros, ou seja, “tipos de enunciados relativamente estáveis” do enfoque “temático, composicional e estilístico que refletem a esfera social em que são gerados”. Este autor apresenta então uma visão dialógica e polifônica da linguagem. Nessa abordagem, todos os discursos são parte de um todo

dialógico, o qual se liga a outros discursos anteriores a ele. Ou seja, tudo o que é dito pelo sujeito não foi elaborado no ato da enunciação, mas dialoga com outros discursos, anteriores a ele.

Moita Lopes (2002, p. 32) destaca que alteridade e ambiente são questões centrais para a compreensão da construção das identidades sociais, já que o significado é um construto social. Isso relembra a visão bakhtiniana da linguagem, no que concerne à enunciação, em que essa envolve, segundo Bakhtin, pelo menos duas vozes “a voz do eu e a voz do outro, isto é, os pares na interlocução”. Segundo Bakhtin (2002, p. 113) “toda palavra contém duas faces. Isto é determinado pelo fato de que ela procede de alguém assim como é direcionada a alguém, é produto da interação entre falante e ouvinte”.

Assim, compreende-se que a presença do outro acaba por moldar o discurso do sujeito. Segundo Moita Lopes (2002, p. 32) “o que somos nossas identidades sociais, portanto, são construídas por meio de nossas práticas discursivas com o outro”. Isso afirma que o sujeito, ao se enunciar, colabora na construção da identidade de seus interlocutores, mas é também, influenciado por eles. Existe aí uma relação de trocas. Dessa forma, o autor entende que é importante focalizar “a interação/ o discurso para entender a vida humana”. Aponta também o ambiente como sendo uma noção muito importante no entendimento do significado como construção social.

Segundo Moita Lopes (2002, p. 33), “os processos de construção de significado, em que a alteridade e ambiente são cruciais, são situados cultural, institucional e historicamente”, isso quer dizer, segundo aponta, que “os participantes discursivos estão agindo no mundo em condições sócio-históricas particulares, que estão refletidas em seus projetos políticos e nas relações de poder nas quais operam”. Na visão do discurso como construção social, a construção da identidade se revela como estando permanentemente em processo, pois depende da “realização discursiva em circunstâncias particulares”. Daí verifica-se o caráter como algo que está sempre sendo produzido, nunca completo.

Para Bakhtin (2000, p. 291) “cedo ou tarde, o que foi ouvido e compreendido de modo ativo encontrará um eco no discurso ou no comportamento subsequente do ouvinte”. No entanto, tal afirmação não confirma que quem ouve determinado discurso irá sempre repetir ou reproduzir os discursos ouvidos, mas esse, na interação, também irá imprimir suas

marcas no discurso.

Para Wodak (2004) a ADC pretende investigar, de forma crítica, a maneira pela qual a desigualdade social é “expressa, sinalizada, constituída e legitimada”, isso por meio da linguagem ou no discurso. Nesse sentido, a autora relembra Habermas, quando afirma que a linguagem também pode ser considerada como sendo um meio de força social e dominação. “Ela serve para legitimar relações de poder organizado. Na medida em que as legitimações das relações de poder, [...] não são articuladas, [...] a linguagem é também ideológica” (HABERMAS, 1977, p. 259, Apud WODAK, 2004, p. 225).

Stuart Hall (2000, p.112) enfatiza ainda que as identidades emergem em jogos de poder, sendo assim, são mais produtos da marcação de diferença e de exclusão do que signo de unificação. As identidades são assim constituídas por meio das diferenças e não fora dela. Considera que as identidades são “pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós. Elas são o resultado de uma bem sucedida articulação ou fixação do sujeito ao fluxo do discurso”.

A ideologia, por sua vez, age tanto nos níveis psíquicos da identidade quanto “nas práticas discursivas que constituem o campo social”. Para Foucault (2000), apesar de não ter tratado da ideologia propriamente dita, isso está intrinsecamente ligado às formações discursivas, que seriam definidas como aquilo que determina o que pode e o que não pode ser dito. Afirma que o sujeito é produzido como um efeito do discurso e no discurso, no interior de formações discursivas específicas, não tendo qualquer existência própria. Aponta ainda que, os discursos constroem – por meio de suas regras de formação e de suas modalidades de enunciação – posições de sujeito.

Moita Lopes (2002, p. 14) aponta que, sob uma visão construcionista, é possível compreender que os sujeitos são constituídos pelos outros a sua volta. Assim, “os que ocupam posições de maior poder nas relações assimétricas são, conseqüentemente, mais aptos a serem os produtores de outros seres, por assim dizer”. Diante do exposto, entende-se que em sala de aula as relações não são simétricas, ou seja, a figura do professor, ou educador, carrega sempre a significação de que esse é “quem manda, quem sabe mais”. Portanto, é possível afirmar que, em sala de aula, os professores são responsáveis, em grande parte, pelo construto das identidades dos

alunos. Para Moita Lopes (2002, p. 35), “devido ao seu papel mais predominante na projeção de contextos mentais no discurso, esses participantes são mais aptos a definir a construção social do significado, exercendo, portanto, poder na construção social das identidades” O autor argumenta que a identidade não é só o que “você pode dizer que você é de acordo com o que dizem que você é”, mas aponta que as identidades não são propriedades dos indivíduos, mas são construções sociais que se promovem “de acordo com a ordem social dominante”.

Torna-se então necessário, diante do exposto, atentar para o fato de que a maneira como é feita a distribuição do poder na sociedade é um atributo essencial da visão de identidade como socialmente construída. Baseando-se nos estudos de Foucault, Moita Lopes (2002, p. 36) destaca que as identidades não são escolhidas pelos indivíduos, “mas são inscritas em relações discursivas de poder específicas nas quais são construídas”. Ainda baseado no trabalho do filósofo francês, destaca a maneira como instituições sociais, tais como a escola, têm se utilizado do poder disciplinar “a ponto de os indivíduos nessas práticas discursivas são construídos para exercer poder sobre si próprios”. Mas, diante disso, comenta ainda que “o poder gera resistência”, e as identidades na posição de resistência também são construídas diante dos discursos de poder, conforme assinalado acima.

Para este mesmo autor “o poder atravessa a sociedade em diferentes direções, dependendo das relações sociais nas quais as pessoas se envolvem por meio de diferentes práticas discursivas” (MOITA LOPES, 2002, p. 36). As identidades são também articuladas em uma gama de posições, ou seja, uma mesma pessoa pode exercer várias identidades diferentes, por exemplo, uma criança Sem-Terra, não é só criança e nem só Sem-Terra, ela ainda assim é aluno, é filho, é irmão é participante de alguma igreja, é brasileiro, é branco e várias outras “máscaras” que pode assumir no seu dia a dia. Moita Lopes assevera que “a escolha de nossas múltiplas identidades não depende de nossa vontade, mas é determinada pelas práticas discursivas, impregnadas pelo poder, nas quais agimos, embora possamos resistir a essas práticas”. Durante entrevista feita com os alunos, esses foram questionados sobre se gostavam ou não de morar no acampamento. Um deles, o qual não falou, pronunciava poucas palavras e só fazia alguns gestos com a cabeça em resposta aos questionamentos, ao ouvir esta pergunta, respondeu prontamente que não gostava de morar lá.

O pai que estava ao lado repreendeu o menino, que corrigiu sua resposta afirmando que gostava de morar lá. Entende-se que a resposta negativa em relação ao gosto de morar no acampamento demonstra uma resistência ao que é imposto pelo movimento. Ou seja, o garoto só está lá porque é jovem e é obrigado a morar com os pais, mas se fosse o contrário, talvez, já teria se mudado. No entanto, o ambiente de luta pela terra em si não é agradável para nenhuma das pessoas que lá estão. Mas, esses sujeitos permanecem neste local, pois esta parece ser uma condição passageira que irá garantir, no futuro, o que tanto almejam: a terra.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SEM-TERRA

O objetivo principal desta parte do trabalho é analisar, a partir dos elementos coletados na pesquisa de campo e à luz da teoria já apresentada, de que maneira estão sendo construídas as identidades das crianças Sem-Terrinha, bem como verificar como o MST utiliza a educação para a formação de seus novos quadros de militância. A questão central seria verificar, no ambiente da modernidade tardia, cujas características são a fragmentação e o distanciamento das tradições, de que maneira esse movimento social faz o caminho inverso, ou seja, a unificação das identidades parece ter lugar de destaque nas ideologias do Movimento, em que tanto a escola como o ambiente do acampamento corroboram para a formação de uma identidade una, a de Sem-Terra.

Serão utilizadas as transcrições das aulas que foram gravadas em áudio, as anotações do caderno de campo e também as entrevistas realizadas com o educador e com as crianças. O foco da análise é colocado no processo de construção da identidade em sala de aula, a partir de uma visão socioconstrucionista do discurso e da identidade social, voltado aos significados construídos, por educador e educandos em relação à identidade Sem-Terra.

As aulas que foram assistidas aconteciam no período matutino, entre setembro e novembro de 2007. A turma era composta de 12 alunos, todos moradores do acampamento vinculado ao MST. A sala de aula, de chão batido era construída de compensado, sendo portas e janelas de madeira, fechadas com tramelas. As carteiras e o quadro negro estavam em bom estado. Em todas as aulas observadas às condições climáticas eram

parecidas. Primeiro muito calor, e logo após muito vento, tornando quase impossível manter as janelas abertas, o que tornava o ambiente escuro, já que não existe iluminação nas salas, a não ser a que vem de fora.

Já as entrevistas foram todas realizadas no dia seis de março de 2008 e aconteceu no espaço do acampamento. Cada sujeito foi entrevistado em sua própria casa, e no caso das crianças, tanto seus pais quanto o educador estavam também presentes.

A legenda para as transcrições é a seguinte:

E – Educador

AO⁴ – aluno (os alunos não serão identificados nesta transcrição, a não ser por gênero)

AA – aluna

AS - alunos – (vários falando ao mesmo tempo)

P – pesquisadora

(...) – frase ou palavra incompreensível

SEM-TERRINHA É UMA IDENTIDADE

Nas entrevistas, tanto com o educador quanto com as crianças, foi questionado o que é a identidade Sem-Terrinha, o que sabem sobre isso, e que significados isso tem no âmbito do Movimento. Questionar sobre o que é a identidade Sem-Terrinha pode ser esclarecedor no sentido de perceber, nas análises das aulas, os motivos pelos quais certas coisas acontecem.

Veja-se o trecho da entrevista com o educador:

P – Você saberia explicar o que é ser Sem-Terrinha?

E – Sem-Terrinha é uma identidade né, Sem-Terrinha é uma identidade pela questão do próprio movimento, que hoje é um símbolo nacional, e pra nós é um orgulho a gente ser um Movimento nacional que luta por uma questão tão justa, e eles não deixam também de ter orgulho de ser Sem-Terrinha, (...) então a gente denomina Sem-Terrinha pela identidade mesmo do Movimento.

P – Como surgiu esse nome? Você sabe quem começou? Por que esse nome?

E – Isso eu acredito, não sei dizer de fonte segura, mas eu acredito que foi desde o início do Movimento, porque o Movimento sempre foi composto por famílias né, então é::: as mães elas sempre, sempre quando elas participam da militância elas sempre estão lá com seus filhos (...), vai pra lá e vem pra cá, e acabou se caracterizando como Sem-Terrinha né.

⁴Nas transcrições das aulas apareciam alguns nomes dos alunos mas a fim de zelar pela privacidade dos menores, aqui foi colocado apenas a inicial do nome.

P – E o objetivo principal em mobilizar essas crianças, você concorda comigo que é formar militância? O que é? Por que criar essa identidade, por que mobilizá-los dessa maneira?

E – Com certeza isso ajuda a eles ter a pertença ao Movimento, se sentir parte do Movimento, já crescer com essa participação, e também mostrar pra sociedade que no Movimento não são cinco, dez, quinze grupos de pistoleiros que estão acampados de baixo da lona pra conquistar a terra, aqui têm famílias buscando um pedacinho de terra pra se sustentar.

O que acontece no processo de formação da identidade Sem-Terra, como já descrito, é um movimento contrário à fragmentação, mas existe neste espaço, um grande esforço para que a formação do sujeito se dê de maneira homogeneizada. Investir na formação do sujeito, conforme aponta o educador, é fazer com que os pequenos se sintam parte do Movimento, com que cultivem o orgulho de serem Sem-Terra, e principalmente, fazer com que se habituem à dinâmica da luta pela terra. Poderá ser percebido no âmbito das análises que isso ocorre de maneira gradativa e que mesmo sendo extremada a tentativa de acostumar as crianças ao cotidiano da luta, ao vocabulário, aos símbolos, etc. ainda assim, como poderá ser percebido nas entrevistas abaixo, isso não ocorre de maneira definitiva.

Quando questionadas sobre o que é ser um Sem-Terrinha, as crianças repetiram o discurso que ouvem em sala de aula, mas em um nível bastante superficial, já que a maioria parecia não compreender exatamente o que é ser um Sem-Terrinha. Uma das perguntas da entrevista era sobre “quem é você”. Pergunta essa que mesmo para adultos em ambientes letrados é de difícil resposta. Obviamente, nenhum deles respondeu sequer o próprio nome. O objetivo central em se questionar isso seria para verificar se algum deles se identificaria como sendo um Sem-Terrinha. Como isso não aconteceu, a entrevista acabou sendo induzida, ou seja, perguntar se “você é um Sem-terrinha” seria induzir os alunos a assumirem esta identidade. No entanto, mesmo os questionando de maneira induzida pode deteriorar o trabalho do pesquisador. Ainda assim, as crianças tiveram dificuldade em responder à questão:

1) P – e::: você sabe me responder quem é você?

AO – Mas eu não sei

P – Não sabe? Você sabe se você é um Sem-Terrinha?

AO – (faz sinal que sim com a cabeça)

P – O que é um Sem-Terrinha?

AO – Lutar pelo Movimento assim, fazer grito de ordem, lutar pelo Movimento
P – Lutar pelo Movimento? Você se considera parte do Movimento? Você é do Movimento?

AO - (faz sinal que sim com a cabeça)

P – Então você é do Movimento?

AO - (faz sinal que sim com a cabeça)

2) P - Você sabe responder quem é você?

AA – Sou eu

E – mas quem que é o Anderson?

AA – (silêncio)

P - E sobre os Sem-terrinha, você acha que você é um Sem-terrinha?

AA – Sou

P – Você é? O que é um Sem-terrinha?

AA– Isso eu não sei não

3) P – você sabe responder quem é você?

AA - Não

P – Não? E vocês participam bastante aqui no Movimento?

AA – Sim

P – Você é uma Sem-Terrinha?

AA – Sim

P – E o que é ser Sem-Terrinha?

AA – É cantar o hino, ir junto com o pai

P – ir junto com o pai aonde? Na reunião?

AA – É

P – E o que acontece na reunião?

AA – Lá eles faz os pontos, eles conversam

P – Você gosta de ser Sem-Terrinha?

AA – por que...

P – O que faz um Sem-Terrinha?

AA – Vai pra luta

P – E o que é a luta?

AA – Quando vai fazer a ocupação, vai junto com o pai, com a mãe.

P – E você gosta de ir?

AA – Sim

4) P – Você sabe dizer quem é você?

AA – Não sei

P – Não sabe? Você sabe o que é um Sem-Terrinha?

AA – Sim

P – O que é?

AA – É uma criança que faz parte dos Sem-Terra.

P – E você é uma Sem-Terrinha?

AA – Sim

P – E você gosta de ser Sem-Terrinha? Por quê?

AA – Sei lá, fazer parte dos Sem-Terra

P – E o que faz um Sem-Terrinha?

AA – A gente faz marcha, ouve palestra, brinca,

P – O que vocês aprendem?

AA – Sobre o MST

P – O que mais ou menos?

AA – Sobre a reforma agrária,

5) P - E::: você sabe me responder quem é você?

AO – Não

P – E sobre o Movimento, as crianças que participam do Movimento, os Sem-Terrinha, o que é um Sem-Terrinha?

AO – Um Sem-Terrinha, é uma pessoa que colabora, ajuda o educador, não banguça, colabora com tudo.

P – Colabora com o Movimento?

AO – Sim

P – E o que um Sem-Terrinha faz além disso?

AO – Obedecer aos pais, ser bom em sala de aula e em casa também.

P – E no Movimento o Sem-Terrinha colabora? O que faz no Movimento?

AO – Tem as regra

P – Que tipo de regras?

AO – Nós mesmo faz e nós mesmo cumpre.

6) P - E::: se eu perguntar pra você: quem é você? Você sabe me dizer?

AA - [...]

P – Você sabe me dizer o que é um Sem-Terrinha?

AA – Sem-Terrinha é que vive nos Sem-Terra

P – E o que faz um Sem-Terrinha,

AA – Eles brinca, descansa

P – Brincam?

AA – Eles vão no encontro dos Sem-Terrinha

P – E você é uma Sem-Terrinha?

AA – Eu sou

P – E você participa bastante do Movimento?

AA – Sim

P – Você gosta

AA – Eu gosto

P – Por que você gosta?

AA – Porque é gostoso aqui assim, participar dos Sem-Terrinha

Nas entrevistas com as crianças, como destacado, nenhuma delas respondeu à primeira questão sobre “quem é você”. Já na segunda questão,

sobre “o que é ser um Sem-Terrinha” as respostas foram variadas:

- 1) E – Lutar pelo Movimento assim, fazer grito de ordem, lutar pelo Movimento
- 2) A – Isso eu não sei não
- 3) E – É cantar o hino, ir junto com o pai/ E – vai pra luta / E – quando vai fazer a ocupação, vai junto com o pai, com a mãe.
- 4) R – É uma criança que faz parte dos Sem-Terra./ R – a gente faz marcha, ouve palestra, brinca./ (aprende) R – sobre a reforma agrária,
- 5) A – Um Sem-Terrinha, é uma pessoa que colabora, ajuda o educador, não bagunça, colabora com tudo./ A – obedecer os pais, ser bom em sala de aula e em casa também./ A – tem as regra/ A – nós mesmo faz e nós mesmo cumpre.
- 6) L – Sem-Terrinha é que vive nos Sem-Terra/ L – eles brinca, descansa/

As respostas das crianças parecem estar mais ligadas às atividades que realizam, principalmente aquelas em que participam junto com seus pais. Neste sentido, ser um Sem-Terrinha, conforme pode ser visualizado nas respostas das crianças, é participar das atividades delegadas às crianças Sem-Terrinha. Somente o aluno cinco baseou sua resposta no modelo de comportamento que, segundo ele, devem ter como membros do grupo.

Para Castells (1999, p.23), as identidades são construtos sociais, e que “constituem fontes de significado para os próprios atores, por eles originadas, e construídas por meio de um processo de individuação”. Comenta inclusive que as identidades podem ser formadas a partir de instituições dominantes. No entanto, o autor argumenta que os participantes só assumem tal condição se internalizarem as identidades, construindo seu significado. Logo, a construção das identidades pode ser considerada como um processo. Assim, a condição de Sem-Terrinha parece ser transitória, ou uma pré-condição para ser um Sem-Terra. Isso pode ser evidenciado nas respostas das crianças. Não entendem exatamente o que é ser um Sem-Terrinha, condição essa que parece estar ligada às atividades que exercem. Ser um Sem-Terrinha, dessa forma, é estar sendo preparado para o futuro.

IDENTIDADE EM CONSTRUÇÃO: A ORGANIZAÇÃO EM SALA DE AULA

A próxima análise se volta para o trecho de uma aula em que a tarefa principal dos alunos era a confecção de um cartaz que ficaria exposto na sala. Neste dia o educador adentra a sala de aula com livros de ciências

em mãos e sugere uma atividade em grupo, que seria a confecção de cartazes relacionados com o tema dos alimentos saudáveis. Separa os grupos, que neste dia foram escolhidos aleatoriamente, e não como de costume, ou seja, a escola adota o esquema de divisão proposto pelo Movimento, qual seja o das “brigadas³” e dos “núcleos de base”. A Escola reproduz a organização do acampamento, a turma da quarta série, na qual as aulas foram observadas, representa uma brigada e é denominada Roseli Nunes, em homenagem a uma militante já falecida – é costume dos adeptos do Movimento homenagear seus militantes e mártires históricos dando seus nomes às brigadas e acampamentos. Deste mesmo modo, os núcleos de base, que nessa turma são três, ali são denominados Zumbi dos Palmares, Teixeira e Che Guevara.

O primeiro trecho a ser analisado diz respeito à organização dos grupos e à maneira como se comportam os sujeitos, em sala de aula, a exemplo da organização proposta pelo MST nos acampamentos e assentamentos. A gravação inicia-se assim:

E – Vamos fazer umas três ou quatro páginas ainda.

AO – Tá loco educador?!

E – Frases.

AA- Frases do que?

E – Pode ser um cartaz?

AO – Uhum – pode.

E – Dai a gente começa agora.

As- (...)

Ao – Pode ser em grupo educador?

AA- Ah muda os grupos, educador!

E – Depois a gente vai decidir isso.

AA – Ah, muda. Faz muito tempo que a gente não muda.

E – Então tá, então hoje, pra tarefa dos cartazes a gente pode mudar, mas sem vocês escolherem

Destaca-se o diálogo entre o educador e uma aluna sobre de que forma se organizariam os grupos de trabalho neste dia. A solicitação “muda

³Grandes grupos geralmente formados por várias famílias que atuam em conjunto na resolução de alguns problemas do acampamento. Em cada brigada existem alguns núcleos de base, que seriam grupos menores que se sujeitariam as decisões do grande grupo. Cada núcleo de base possui um representante que atua como porta-voz do grupo nas reuniões da brigada. Esses grupos são formados para que se divida melhor o trabalho e as responsabilidades do acampamento de forma coletiva.

os grupos, educador!” representa um apelo para que, neste dia, não se organizassem da maneira costumeira, que é aquela dos grupos já estabelecidos que representam os núcleos de base dentro da sala de aula. A resposta do educador “pra tarefa dos cartazes a gente pode mudar, mas sem vocês escolherem” poderia significar, como em qualquer turma, que o educador está exercendo seu papel de coordenador das atividades em sala, e que a frase “mas só hoje” seria uma forma de manter o que foi decidido no início do ano, para que a organização pré-estabelecida fosse mantida. No entanto, as significações que esse episódio toma num ambiente em que a organização e a disciplina são imprescindíveis para a sustentação de um modelo pré-estabelecido, não são nem inocentes nem corriqueiras. Pode ser percebido aí o discurso dominante, que é o da “organização e disciplina” ditando o que pode e o que não pode ser feito neste ambiente. Como se trata das crianças em que o exercício da divisão de responsabilidades em grupos ainda é apenas simulado foi possível que se abrisse uma exceção. Já nos verdadeiros núcleos de base, na divisão das tarefas do acampamento, não é possível que os grupos sejam refeitos, a não ser após reuniões e o consenso da direção do acampamento. Pode-se notar aí a presença de um discurso como formador da identidade, pois, quando adultos, essas crianças já terão assimilado que a divisão das tarefas e a formação dos grupos se tornam imprescindíveis para a organização do acampamento. A nomenclatura que acompanha essas divisões, como as chamadas “brigadas” lembram com certeza o discurso militar e é parte da formação discursiva socialista a qual é pregada pelo MST.

No entanto, delegar responsabilidades aos alunos e tomar decisões conjuntas com eles, como foi a formação dos grupos no início do ano, pode ser recompensador no sentido de que esses se fazem agentes de seu próprio processo de escolarização. Podendo influir nas decisões que dizem respeito a suas vidas, as crianças se reconhecem como agentes da educação e não somente seres passivos que somente recebem ordens. A capacidade de argumentarem e se sentirem à vontade para renegociar a posição dos grupos com o educador é um exemplo claro disso.

Este assunto foi abordado na entrevista com o educador:

- 1.P – E como você tentava ensinar isso às crianças? Como você tentava passar isso?
- 2.E – Então a gente prega muito no Movimento a solidariedade, o companhei-

risimo, essa questão da cooperação, a divisão de tarefas, toda essa questão de, ninguém vai, digamos, se aproveitar do trabalho do outro, mas todo mundo vai desempenhar uma tarefa onde todos tenham os seus afazeres, como a gente tinha em sala de aula a divisão de tarefas já pra ir criando um pouco essa noção.

3.P – E você acha que as crianças entendem quando você tenta passar isso a elas, você acha que eles aceitam, eles tentam por isso em prática?

4.E – Às vezes de momento elas podem não entender a importância disso, mas com a convivência, vivendo, fazendo, digamos, os valores vão sendo trabalhados aos poucos né.

5.P – Você concorda que eles vão se acostumando a ser assim?

6.E – Eles vão aprendendo a ser assim, vão aprendendo a ser assim, de repente mudando alguns hábitos que eles tenham que não é o ideal, não é o correto, dentro do nosso projeto a gente vai buscando essa melhoria de respeito ao sujeito né.

Percebe-se que nada do que é feito em sala de aula aparece de maneira gratuita. O que se procura com tais atividades é justamente ensinar as crianças como serem Sem-Terra. Isso se faz não somente no discurso, ou no que é dito em sala de aula, mas nas práticas cotidianas. Veja-se que desde a organização dos grupos, distribuição das tarefas, etc., tudo diz respeito à construção das identidades. Inclusive o educador comenta que o grande objetivo é que as crianças abandonem velhos hábitos em detrimento daquilo que é tomado como certo dentro do projeto elaborado pelo MST.

CONCLUSÃO

O que pode ser observado no âmbito deste trabalho foi que, principalmente no que diz respeito à formação das identidades dos militantes, o MST busca cada vez mais a unificação. Faz assim o caminho contrário ao da sociedade em geral, que é caracterizada pela fragmentação das identidades. Na esfera do Movimento, busca-se uma identidade única, a de Sem-Terra.

Afirmar que essas crianças estão sendo formadas como militantes pode ser uma visão errônea, já que, como tantas outras crianças moradoras de áreas rurais, elas são somente crianças, com sonhos e desejos próprios. No entanto, cercadas pelas ideologias do Movimento por todos os lados, é possível pensar na formação de um contingente militante e alienado muito maior do que o já existente nos quadros do MST.

O que se verificou após as reflexões contidas neste artigo foi que a maneira como são formadas as identidades das crianças Sem-Terrinha

está intrinsecamente ligada à formação militante. A ideologia e os costumes deste grupo são oferecidos a essas crianças por meio do discurso. No entanto, com bases nas reflexões teóricas apresentadas, entende-se que um discurso não pode ser homogêneo, logo, os discursos que formam as identidades desses sujeitos concorrem entre si, são os discursos da direção do movimento, os discursos da família, da igreja, da sociedade fora do acampamento e etc. Os tipos de identidades ali formadas são infinitamente fragmentadas, o que é característica da modernidade, apesar da tentativa de unificação apresentada pelo Movimento. Em relação aos sujeitos atuarem uns sobre os outros, ficou claro nas análises das falas da sala de aula que não só o educador, como formador de opinião, atua ou exerce poder sobre os alunos, mas também os alunos atuam sobre a formação identitária do educador que acaba por vezes adequando suas falas conforme o que é dito pelos alunos, ou conforme a reação deles. Também os alunos atuam uns sobre os outros. Os homens como seres sociais, atuam uns sobre os outros, se educando mutuamente.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. **A estética da criação verbal**. [tradução de Maria Ermantina Galvão]. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução, Carlos Alberto Medeiros, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BRENNEISEN, Eliane Cardoso. **Da luta pela terra à luta pela vida**: entre os fragmentos do presente e as perspectivas para o futuro. São Paulo: Annablume, 2004.

ERICKSON, Frederick. Prefácio. IN: COX, Maria Inês Pagliarini. PETERSON, Ana Antonia de Assis. **Cenas da sala de aula**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse and social change**. Cambridge: Polity Press, 1992.

_____. **Language and Power**. New York, Longman, 1989.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? **In:** SILVA, Tomaz Tadeu da.(org) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais** – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MOITA LOPES, Luis Paulo da. **Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

RESENDE, Viviane de Melo. RAMALHO, Viviane. **Análise de discurso crítica**. São Paulo, Contexto, 2006.

WODAK, Ruth. Do que trata a ACD – Um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. **In: Linguagem em (Dis)curso** – trad. Débora Figueiredo. LemD, Tubarão, v.4, n.esp, p.233-243, 2004.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórico conceitual. **In:** SILVA, Tomaz Tadeu da.(org) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais** – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

Recebido em / Received on / Recibido en 06/09/2011

Aceito em / Accepted on / Acepto en 17/09/2012